



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

"Se eu fosse eu"... Traços da relação de objeto e da problemática da identidade no poema de Clarice Lispector

Letícia Serbena

Orcid: 0000-0003-0980-5158

Psicóloga clínica

Doutoranda do CRPMS: centro de Pesquisa Psicanálise, Medicina e Sociedade da Escola Doutoral 450: Psicanálise e Psicopatologia. UFR Estudos psicanalíticos. Universidade de Paris. (Paris, França)

lserbena@gmail.com

Resumo: Neste trabalho nos ocupamos em analisar traços do poema de Clarice Lispector *Se eu fosse eu* de acordo com a relação entre o corpo e uma parte excluída de nossa integridade corporal. As três dimensões de objeto mencionadas no artigo apontam uma aproximação conceitual entre a metáfora da extração do objeto *a* e o campo dos ideais. A análise do poema sustenta a hipótese da inexistência de relação de objeto, permitindo determinarmos a origem de dois sentimentos relatados por Lispector: se sentir ausente dela mesma e o desejo de transgressão do ideal.

Palavras-chave: Relação de objeto; Identidade; Objeto *a*; Ideal; Clarice Lispector;

"Si j'étais moi"... Analyse de la relation d'objet et de la problématique de l'identité dans le poème de Clarice Lispector: Dans ce travail nous allons analyser le poème de Clarice Lispector *Si j'étais moi* par rapport à la relation entre le corps et d'une partie exclue de l'intégrité corporelle. Les trois dimensions de l'objet mentionnées indiquent une proximité conceptuelle entre la métaphore de l'extraction de l'objet *a* et le champ des idéaux. L'analyse du poème soulève l'hypothèse de l'inexistence de la relation d'objet, ce qui nous permet de déterminer l'origine de deux sentiments énoncés par Lispector: celui d'absence d'elle-même et celui du désir de transgresser l'idéal.

Mots-clés: Relation d'objet; Identité; Objet *a*; Idéal; Clarice Lispector.

"If I were me": Traces of the object relations and of the problematics of identity in Clarice Lispector's poem: In this work we will analyze extracts of Clarice Lispector's poem *If I were me* according to the relationship between the body and a part excluded from our bodies' integrity. The three dimensions of object mentioned point to a conceptual approximation between the metaphor of the extraction of "object *a*" and the spheres of ideals. The analysis of the poem suggests the absence of an object relationship, allowing us to establish the origin of two feelings reported by Lispector: a feeling of an absence from herself and the desire to transgress the ideal.

Keywords: Relation of object; Identity; Object *a*; Ideal; Clarice Lispector.

"Se eu fosse eu"... Traços da relação de objeto e da problemática da identidade no poema de Clarice Lispector

Letícia Serbena

A provocação de Clarice Lispector em seu poema *Se eu fosse eu*, nos orienta em direção à questão filosófica: Quem sou eu? Ela insurge dos preceitos da construção do sujeito e da relação de objeto na psicanálise. A origem do sentimento de estranheza diante do próprio eu organiza as problemáticas circundadas pela neurose. O campo da formação do eu ilustra a ilusão do eu ideal e ideal do eu reafirmando a inexistência de uma relação de objeto cujas instâncias imaginárias e simbólicas se mantêm no interior de uma lógica pulsional.

O que do especular, que atravessa toda poesia, pode articular a constituição do eu à relação de objeto? À guisa de entendermos toda a perplexidade da formação do eu através do objeto da psicanálise, convido os leitores à acompanharem a argumentação da metáfora da extração do objeto *a* através da origem dos ideais. De qual forma o especular da imagem constrói o desconhecido do próprio eu? O poema de Lispector será instrumento para precisarmos a maneira pela qual os ideais subestimam a hipótese da não existência da relação de objeto.

Quando eu não sei onde guardei um papel importante e a procura revela-se inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase, se eu fosse eu, que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar, diria melhor, sentir... E não me sinto bem. (Lispector, citado por Projeto Toda Poesia, 2014)

Primeiramente notamos nas palavras de Lispector uma indagação de sua existência na condicional "Se", produzindo estranheza e um sentimento de mal-estar. Este momento de indagação sinaliza a falta a qual se instala no seu ser. Saussure (1974) evoca a possibilidade do significante apreender somente as diferenças mas nunca um ser. Isto porque o ser não é apreendido em sua totalidade, o sujeito se identifica ao significante da diferença "*ein Einziger Zug*" (Freud, 1921/1991, p. 190), o traço unário. Traço da alteridade que identifica os significantes e os diferencia na medida em que eles se repetem (Lacan, 1968-1969/2006, p. 356). Identificar-se como sendo quem somos depende do encontro da cadeia de significantes com um ponto de diferença. Porém, se buscarmos epistemologicamente a raiz da palavra identidade e identificação obteremos *idem*, que significa **o mesmo**, nos afastando da relação com a diferença. O *idem* se apoia precisamente ao que pertence ao grupo, à cultura, o que é de semelhante excluindo desta forma a diferença.

Para melhor compreendermos esta lógica, organizaremos nossa análise através da construção do eu como imagem dentro do campo virtual junto às teorias pós freudianas de relação de objeto, centrando a análise principalmente em Lacan e Bouvet.

Nossa primeira concepção é que a dinâmica da extração do objeto *a* pode esclarecer os pontos principais no texto de Clarice Lispector. A segunda consiste em trazer a questão da identificação e identidade. Entenderemos como a relação de objeto retifica a adaptação do indivíduo à seu ambiente e exclui o não sentido presente na constituição do sujeito. "Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara". (Lispector, citado por Projeto Toda Poesia, 2014)

Junto à condicional *Se eu fosse eu*, testemunhamos o constrangimento seguido da mentira. Uma mentira contada na legitimidade de sermos quem somos e locomovida a partir da dúvida que é posta no fato de que a verdade em ser "eu" pertence à uma condição.

No capítulo intitulado *psicanálise*, presente na obra *O sentido do mundo* (1993), o filósofo francês Jean-Luc Nancy afirma que a psicanálise pontua uma verdade correlacionada à privação do sentido, nos apresentando um campo fora de sentido, de estranheza, de interrogação. O fora de sentido que nos incomoda, nos movimenta, nos perturba, nos subverte. A ruptura consigo mesmo, invocada pelo questionamento de Lispector conjura uma verdade camuflada, um vazio camuflado pela "película do eu" (Nancy, 1993, p. 78). Qual é a possibilidade do sujeito apreender seu ser dentro de uma existência completa, exterior à camuflagem?

O *Estádio do espelho* (Lacan, 1949/1966a), texto de Jacques Lacan em referência à construção do eu enquanto imagem, descreve a etapa do desenvolvimento da criança através da percepção da imagem diante o espelho a qual se antecipa pelo outro na qualidade de imagem real. O que ocorre é uma alternância da imagem. Buscar a imagem no espelho não consiste somente em construir o reflexo de si mesmo, mas a busca pelo olhar do outro. No espelho a criança vê a sua imagem e ao se virar percebe o rosto da mãe. A identidade do sujeito, o que o nomeia, este é o Pedro, esta é a Ana, se constrói não somente no que está presente em um campo de imagem, mas o que está fora deste campo especular. A identidade é composta imaginariamente e faz parte de um ideal do eu cuja constituição depende de um modelo que nos faça idênticos ao outro (Lacan, 1961). A princípio nos subjetivamos através de uma ilusão de imagem. O eu precipitado reincide a ideia de virtualidade. Precipitar é antecipar algo ainda não adquirido sobre o modelo do Outro. "Ideal do eu como modelo, o eu Ideal como aspiração" (Lacan, 1960/1966b, p. 672). Veremos como a singularidade é antinomia do ideal em três dimensões do objeto:

- A primeira dimensão através da libido e pulsões,
- Segunda dimensão como objeto da metonímia e temporal,
- A terceira dimensão se aplica à submissão à lei e ao ideal do eu.

A primeira dimensão do objeto: As parcialidades

A primeira premissa do objeto é a parcialidade. Em benefício do desenvolvimento do Eu é necessário que o imaginário seja efetivado pelo significante paterno e transformado em ideal do eu. A

representação exigida pelo campo do simbólico demanda uma exigência subjetiva de renúncia daquilo que não se submete às leis. Esta renúncia se mostrará como excesso, como perda de um gozo cujo resultado será a parcialidade dos objetos. Isso significa que para toda pulsão, a satisfação obtida através um objeto será parcial. Parcial se opõe ao todo. É fracionário. Se manifesta na ausência de unidade. A teoria freudiana do objeto resulta primeiramente no modelo pulsional (Freud, 1915/1988).

Analisaremos a oposição teórica entre Lacan e Bouvet com relação a compreensão da relação de objeto dentro da passagem do eu ideal ao ideal do eu.

Bouvet (1985) estuda as estruturas das relações de objeto apoiando-se nos conceitos de libido e regressão, e se concentra na determinação de especificidades psicopatológicas presentes nas relações de objeto. A psicopatologia é utilizada na teoria de Bouvet dentro de um preceito de fixação libidinal. A cada etapa da libido criamos uma relação precária com o objeto em direção ao genital que caracterizaria uma condição normativa. A relação de objeto para Bouvet fundamenta-se em três pontos importantes: na regressão, na fixação e ascensão. A ascensão à um estágio significaria o abandono do precedente. O que prevalece neste tipo de relação de objeto é que a posse do objeto é indispensável para a ascensão libidinal e conseqüentemente para a construção do eu. Portanto, quanto ao caminho pulsional, conclui-se a posse do objeto posteriormente incorporado ao eu tendo em vista a concessão da totalidade. A teoria de Bouvet se dedica a discorrer sobre a defesa do eu e a estrutura diante à reconciliação ao objeto perdido.

Essa teoria se opõe deliberadamente à lacaniana, uma vez que o objeto só se constitui dentro de uma experiência de falta. A extração do objeto *a* se produz no interior do corpo. A continuidade psíquica, conceito atribuído ao espaço ao qual pertence o objeto transacional de Winnicott (1974), ocorre através do processo de simbolização. Este é causa da extração do objeto *a*, da queda de um excesso de gozo proveniente de uma simbiose ao corpo da mãe, cujo desejo será conduzido à uma significação. Esta continuidade de existência é provida somente dentro do campo da falta.

Conceitos lacanianos são doravante desenvolvidos do preceito da gênese da relação de objeto. Lacan fundamenta que a inscrição de um ser desejante deve ser submetido à sua falta. Inscrever o desejo é a prioridade da representação da energia pulsional que excede as vias do princípio do prazer. A catástrofe da perda do objeto é representada e guiada por este excesso na economia psíquica representada pelo Real da **Coisa** freudiana. A metáfora da extração do objeto *a* abre um viés possível de subjetivação ao mesmo tempo em que o sujeito tem que se haver com o resto da sua estrutura. O objeto *a* é causa e consequência de uma continuidade psíquica.

Lacan sustenta que a ausência do objeto é imaginarizada na forma de recuperação do que fora perdido. Na relação de objeto, é através dos objetos pulsionais que o sujeito busca nas bordas do corpo formas de "oralisar" a falta. Ou seja, formas de circundar o vazio. Os objetos libidinais são sustentados por Bouvet (1985) em um contexto fantasmático de conjunção e disjunção, de reencontro e perda quase que sincronizados. O obsessivo tem um desejo anal, de controle; ele não se preserva de uma relação de posse. Os momentos de objetos são aqueles em que ele pode ser

mesquinho e generoso, em que ele guarda e doa, em que ele segura o objeto e posteriormente o solta. Observamos a existência de uma ambivalência cuja relação é estabelecida pelo imaginário da lógica fantasmática. Esta sincronicidade de reencontro e separação insiste, pois, o núcleo do objeto perdido é na verdade o objeto da falta e não da perda, pois quando o reencontramos, ele se separa novamente e voltamos à condição de corpo fragmentado. Na relação de objeto não existe possibilidade de conjunção. A assimetria entre conjunção/disjunção não permite reencontro, não provoca complementariedade, e sim abolição do sujeito. Uma parte do corpo é separada causando os buracos do corpo que são preenchidos pelos objetos *a*: seio; fezes; olhar e voz, os quais correspondem aos restos das pulsões parciais. O próprio termo parcialidade revela que a totalidade é obsoleta. A fragmentação corporal estará presente em todo e qualquer elemento pertencente à uma lógica pulsional.

Segundo Winnicott, "para ser criado é preciso que um objeto seja encontrado" (Winnicott, 1963/2012, p. 74). Se determinarmos que a relação de objeto se sustenta dentro dos moldes de criação e encontro, ela se baseia dentro de um campo imaginário e fantasmático. O paradoxo o qual apresentamos é que a relação é substanciada à existência de um objeto inexistente. O objeto *a* de Lacan, o qual se constitui como falta, é precisado por ele mesmo ser o objeto transacional de Winnicott, (Vanier & Vanier, 2010, p. 12) cuja perda é consequência da continuidade psíquica. A condição do objeto da falta implica em uma desintegração ao objeto o qual faz função corporal. A busca do ser humano pelo princípio do prazer junto à conquista da satisfação é violada por este objeto que escapa à lógica pulsional causando a incompletude do corpo. Desta forma, ilustrado pelo poema de Lispector, somos conduzidos à uma percepção projetiva de pluralidade, excluindo o singular, o único. Sendo que a neurose é um sinal de que o eu perdeu seu estado unitário na tentativa de realizar a síntese entre as instâncias (Freud, 1928/1994a, 209).

Retornemos à Bouvet (1985). Na medida em que o sujeito se desfaz da analidade, ele ascende de estágio objetal e se modifica. Essa modificação suporta uma reivindicação do objeto, suporta o sonho do obsessivo em se tornar oblato se opondo portando à lógica do desejo (Assoun, 2020). O desejo é aquilo que nasce da falta do objeto e da edificação da estrutura. O desejo não encontra uma boa relação com o objeto, pelo contrário. Encontrar a satisfação através da oblatividade é inviável à lógica do desejo pois obriga o sujeito a se readaptar à relação e mortificar o objeto que causa o desejo. A posição oferecida ao sujeito para que ele possa buscar seu desejo não condiz ao idealismo, com a fortificação do eu.

O objeto *a* nos retira de uma relação libidinal entre eu ideal e ideal do eu. Este é o grande ponto de discordância com a teoria de Bouvet. O problema do oblato é o confronto com um gozo o qual não corresponde à satisfação. Observemos que dentro das qualidades do objeto existem dois tipos de gozo que são solicitados, porém somente o gozo fálico responde à demanda do sujeito. O significante paterno impõe um limite ao gozo do Outro e, junto a isso, um apagamento do sujeito. Isto porque o gozo só pode ser suportado se for transformado e temperado através do significante

paterno, promovendo a enunciação do sintoma a qual fará referência ao gozo abandonado (Lacan, 1971/2007, p. 24). Um gozo excedente ao campo de satisfação pulsional sugere uma correlação entre o sujeito e sua condição de falta.

Apresentamos as três categorias de falta de objeto dentro de uma dialética da frustração e do complexo de castração. Na operação da castração, o pai real impõe uma falta simbólica de um objeto imaginário o qual se exterioriza como significante do desejo. O falo: significante que representará o objeto perdido produzindo o único gozo atingível: o gozo fálico. O falo também representa a máxima de que todos os objetos terão o mesmo destino, o de simbolizar o gozo execrado do corpo do sujeito. Portanto a privação, a frustração e a castração fundamentam a estrutura psíquica da relação de objeto. Ser frustrado no campo objetual representa a dinâmica da presença e ausência que organizam os moldes diante da extração do objeto. Quem frustra é a mãe simbólica, quem priva é o pai imaginário e quem castra é o pai real (Lacan, 1956-1957/1994, p. 215). O núcleo das três operações é a falta do objeto do desejo:

Falta imaginária de um objeto real (Frustração)

Falta real de um objeto simbólico (Privação)

Falta simbólica de um objeto imaginário (Castração)

O núcleo do Real, Simbólico e Imaginário suporta as operações sempre em referência ao lugar da extração. Por outro lado, a função da relação de objeto é de auxiliar a inconsistência deixada pelo objeto perdido. A crítica lacaniana relativa à relação de objeto é que esta se situa somente no registro imaginário, por conseguinte, a relação do eu com o que é exterior à ele se constituiria imaginariamente. Não obstante, a representação exclui a autenticidade. Este sentimento de mal-estar com a condição de *Se eu fosse eu* manifesta-se como consequência de uma divisão subjetiva a partir das dinâmicas da perda. Não existe sujeito antes da linguagem. Não existe sujeito que anteceda à perda e que não seja constituído pela falta-a-ser.

A segunda dimensão: objeto metonímico e temporal

Se eu fosse eu parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. (Lispector, citado por Projeto Toda Poesia, 2014)

Isolation of the individual foi um termo desenvolvido por Winnicott que diz que cada sujeito é um elemento isolado, sempre desconhecido e nunca descoberto (Winnicott, 1963/2012, p. 55). É neste ponto que Winnicott e Lacan propõem conceitos similares ao freudiano ao dizerem que uma parte do eu é transformada em prol de sua conservação (Freud, 1930/1994b, p. 253). As funções de defesa do eu são as principais características dessa instância mediadora entre as exigências do id e das interdições do supereu. Ora, se uma parte do nosso eu é incomunicável, como podemos sentir

que fazemos parte dele? Como sentir a experiência de ser? O acesso à subjetivação por Winnicott demanda o espaço transacional: O *first being* (Winnicott, 1960). O sujeito precisa conseguir estabelecer a continuidade de existência apesar da ausência do objeto. No entanto, sinalamos duas formas paradoxais de analisar o conceito de Winnicott. A primeira, dentro de uma visão lacaniana, em que para haver continuidade de existência é necessária a extração do objeto *a*, mas que em razão desta, um sentimento de angústia é deliberado na vivência existencial. A angústia manifesta-se como sinal da divisão ao mesmo tempo que ela se origina da função própria do objeto *a* (Lacan, 1962-1963/2004, p. 102). A angústia é causa e efeito do objeto metonímico, inarticulado ao significante e inapreendido pelo desejo. O objeto *a* é um pedaço do corpo dentro de uma temporalidade nunca obtida, perdida. Algo corporal que não nos pertence, porém nos invade ora como perda de algo que fora pertencente, ora como estranheza de algo externo à nosso corpo e à nosso eu. O fundamento da angústia se apresenta neste objeto como ausência de existência.

Para Winnicott (1974), o temor diante do desaparecimento do eu se revela como um temor de algo que já fora vivido. O psiquiatra e psicanalista Alain Vanier elabora sua tese de que o tempo é o objeto *a* (Vanier, 2000). O tempo é por si só perdido dentro de um campo de falha e de falta. O ser é envolto à dimensão da temporalidade. Winnicott argumenta o sentimento de agonia primitiva incorporada à uma dinâmica temporal, apoiando-se na hipótese de que para deixá-la no passado, o eu necessita introduzir essa angústia no tempo presente. No entanto, o objeto *a* faz com que o presente seja colocado sempre em termos de falta onde surpreendentemente o acontecido é também o esperado. Ele se inicia no passado, mas não se desliga do presente e do futuro. É contínuo. Colocaremos desta forma: a angústia em reviver a perda preconiza o revivescimento da falta sempre atualizada dentro da temporalidade, dentro de um mesmo espaço psíquico. Portanto, o tempo como objeto *a* conduz a um sentimento de descontinuidade já experimentada.

A hipótese do psicanalista se baseia de um lado na antecipação, concedida pela sucessão própria da cadeia significante a qual inicia o corte dentro de uma inscrição espacial produzindo um resto, uma subtração. E de um outro lado em um sentido retroativo a partir da castração, ou seja, a partir da lei. A subtração no espaço temporal introduz o mal-estar da dimensão do vazio corporal. Observamos que o real do tempo é o corte que não preenche o presente o qual sempre busca no passado e no futuro formas de suplências e conciliações (Vanier, 2000, p, 6).

O corte dará origem à destituição do próprio corpo e é chamado de objeto *a*: função de objeto metonímico. Desta forma é de suma importância utilizarmos a metáfora da extração do objeto dentro de nossa análise, pois extrair o objeto reitera a primeira impossibilidade de apreensão de si.

A disparidade entre identificação e identidade se encontra na divisão do sujeito pelo objeto. O conceito de sujeito dividido abriu preceitos para o entendimento de que algo foi retirado do meu ser para provocar a divisão, existindo uma outra parte do meu eu desconhecida. Assim, o sujeito não se constrói idêntico a ele mesmo (Causse, 2018, p. 141). Ele se identifica ao outro como traço de cultura. As experiências vividas no eu se perdem dentro de um patrimônio hereditário causado pela

introdução do supereu. Porém é pela marca simbólica que a identificação permite que o sujeito seja idêntico e singular ao mesmo tempo. A hereditariedade completa o aspecto "ideal" de identificação ao pai da horda primitiva o que traz um obstáculo ao eu para agir de acordo com seus desejos (Mijolla, 2017). Portanto, em concordância com Lispector, "a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara" (Lispector, citado por Projeto toda poesia, 2014), a fantasia a qual suporta o sujeito fora deslocada do lugar de proteção do Real, da verdade do sujeito, o que inicia o sentimento de mal-estar relatado por Clarice.

A terceira dimensão do objeto: objetos do mal-estar e de submissão à lei

As dimensões do objeto até aqui relatadas nos conduzem a analisarmos outra significação do termo falta. A falta se associa à angústia de castração que sobressalta os fenômenos de defesa. Porém o termo "falta" implica na construção de mecanismos paradoxais de relação de objeto. No seminário de Lacan, Relação de objeto (Lacan, 1956-1957/1994), atentamos aos objetos aos quais Lacan se refere como extraídos da psicopatologia, do mal-estar. O objeto advindo da psicopatologia assegura uma estabilização na forma de angústia direcionada a um objeto específico. São os objetos postos em função significante (Lacan, 1956-1957/1994, p. 395), encobrendo o real da extração do objeto *a* através da completude da função fálica, porém sem um enodamento simbólico, respondendo somente de um ponto de vista imaginário. Como no caso freudiano *O pequeno Hans* (Freud, 1908/2008). No caso relatado por Freud, o cavalo faz função de objeto fóbico substituindo o pai simbólico na resposta ao desejo da mãe. A lógica desses objetos demanda a circunscrição de uma simbolização a qual introduzirá o ideal do eu como aquele que sustentará o real do objeto. Esta sustentação será realizada pela irmã de Hans a qual tomará o lugar de ideal e reveladora do significante (Lacan, 1956-1957/1994, p. 412).

O que nos parece interessante é a necessidade do tom de temeridade e ameaça que o significante deve impor. Ameaça por um lado do supereu, escorado no ideal do eu; e do objeto como significante pelo qual a criança constrói sua própria formulação. No caso Hans ocorreu uma passagem da dimensão imaginária à simbólica através do ideal do eu efetivado por sua irmã (Lacan, 1956-1957/1994, 412). A irmã de Hans domina o objeto que é fonte de angústia. Ela é o mito, o qual predomina o significante e o próprio Hans. A criação da imagem idealizada permitirá que Hans desenvolva as peripécias defensivas contra o objeto.

Junto à esta função imaginária do significante, Lacan retoma sua articulação à função paterna. O pai como terceiro na relação organiza o mundo simbólico da criança e seus limites de gozo. O sujeito se insere no mundo simbólico e se apresenta a partir deste lugar em resposta às imposições exigidas. O eu entra de acordo com as reivindicações e imposições do pai e se constitui de uma forma estabilizada. Isso formaliza a questão imposta por Lispector, pois se algo foi renunciado para seguirmos as leis do terceiro, significa que algo da minha própria existência foi sacrificada. A

passagem do imaginário ao simbólico nos fizeram constatar que a submissão à lei sofisticada a falta. "O valor do objeto se eterniza no mito" (Lacan, 1956-1957/1994, p. 254).

Atentamos a condição de causa-efeito do mito do pai morto e identificação ao supereu. No excelente trabalho de Béla Grunberger (1999), o psicanalista se atém a uma longa discussão sobre as raízes do cristianismo e sua relação com o antissemitismo dentro da irredutibilidade da ideia de criação de um conflito inconsciente a partir dos acontecimentos traumáticos sociais. Vejamos a lógica de identificação: dentro de um contexto de grande miséria e sofrimento social no qual Israel estava submetida, os judeus esperavam uma figura todo-poderosa para restaurar o reino e o libertá-los dos Romanos (Grunberger, 1999).

Após a crença do sacrifício de Cristo, nasce diante da morte um pai todo poderoso, onipotente, que vence a morte e edifica sua religião. O pai se torna presente na ausência como ideal e não na presença enquanto homem. A presença do mito revigora uma imagem de criação. No artigo de Godoi e Noé (2018, p. 73), os autores exibem o comentário de Lacan à frase de Dostoiévski, na qual se afirma que se Deus está morto então tudo é permitido. Sendo justamente a atribuição à morte de Deus que o eleva ao mito, à consolidação da lei e conseqüentemente à interdição característica da neurose, assim como no mito de Édipo em que a culpa insurge da identificação ao pai o qual mataram. A identificação ao supereu portanto reforça a interdição e cria o mito do pai todo poderoso e portanto castrador.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/1991), Freud transmite o poder do ideal dentro da construção de uma identidade. O ideal estando no lugar de ideal da massa se apossa do eu através da identificação. Apesar de existirem diversos mecanismos de defesa do eu perante o id, não existe a possibilidade do eu conseguir se defender do supereu no sentido de excluí-lo ou barrá-lo (Nunberg, 1957, p. 158). O eu se identifica às interdições do pai. Esta identificação ao ideal gera uma dependência ao outro, uma vez que a idealização desinveste e desindividualiza o eu, no sentido em que ela apoia a redescoberta do objeto (Bourdin, 2014, p. 743), cujo processo de relação volta a se reestabelecer. No poema de Lispector observamos que o ideal do eu é o mandatário do eu, fazendo com que ela esteja nesse campo do desconhecido e impositor.

Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei. Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. (Lispector, citado por Projeto Toda Poesia, 2014)

Junto ao desejo de transgressão, o eu responde à lei criada internamente e anexada à historicidade do pai dentro da morte edípica. O princípio da transgressão é o interdito. O desejo de ultrapassá-lo como demonstra Lispector evidencia uma ausência de inibição, de um conflito entre o desejo com aquilo que se opõe a ele e que provoca um limite. Desta forma, quando Lispector insurge

a possibilidade de estar na cadeia, sugere ao mesmo tempo que seu eu é realmente deferido pelo Outro. Temos de um lado o eu narcísico, imaginário e renunciado, e do outro a função de se fazer objeto *a*, cujo comportamento é rigidamente interiorizado como lógica simbólica e fantasmática de reintrodução de um gozo cujo limite foi imposto a partir do momento de submissão à lei.

No entanto, o desejo de transgressão do ideal que nasce através da lei do Nome do Pai, pode ser entendido no sentido de que a efracção assume o papel de proximidade com o gozo excluído. Essa exclusão cria os objetos transacionais os quais são mi-reais, mi-irreais, ou seja, nem reais e nem ilusórios. Eles estão no campo do intermédio (Vanier & Vanier, 2010, p. 13). Este campo intermediário nos leva a entender a temporalidade como fator principal da lógica do objeto *a*, como vimos anteriormente na segunda dimensão do objeto.

No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando, porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais. (Lispector, citado por Projeto Toda Poesia, 2014)

“Àqueles que violam um tabu, são eles mesmos tabu” (Freud, 1913/1998, p. 221). A transferência do tabu ao “pudor” endossa o critério de lei interna através da identificação. A vivência dessa aspiração exalta um sentimento de liberdade, de possibilidades, de experimentações, mas também de pudor diante à limitação do gozo provocado pela transgressão à lei. Como a relação de objeto é inexistente, a dor real do objeto ausente acometeria a existência de forma que toda essa euforia indicaria o que não pode ser obtido por nenhum gozo advindo de uma lógica de satisfação pulsional. Desta experiência em ser realmente eu, sobraria este êxtase no qual o gozo do Outro não poderia ser suportado. Concomitantemente à dor, **aquela que aprendemos a não sentir**, pode ser analisada como o gozo excedido cujo interdito não consegue suprimir, somente recalca-lo e excluí-lo do consciente fundando um novo estilo de “doença do tabu” (Freud, 1913/1998, p. 228).

A metáfora da extração do objeto *a* como reveladora do que somos enquanto vazio, permite a passagem do eu ideal ao ideal do eu. No entanto ela marca a discrepância entre o que somos e o que devemos ser. Tendo em vista que se subjetivizar significa reintegrar os limites do corpo, transgredir o ideal é tentar encontrar um outro corpo para suportar o objeto, um corpo no qual não exista a desintegração, um corpo sem cortes. Podemos refletir sobre a hipótese da transgressão ser a tentativa de retomar o que foi retirado de nosso corpo, porém, na forma de contestação? Contestar sempre oferecerá valor de vazio ao objeto, inserindo uma ausência de continuidade psíquica, de filiação, uma vez que o ideal simbólico transgredido é marcado também pela transgressão às leis do

pai. No entanto, o contestador diferentemente do neurótico, o qual se defende da extração, demanda o objeto extraído presumindo um outro tipo de ideal. O ideal imaginário (Grunberger & Chasseguet-Smirgel 2004).

Lispector se inscreve em uma situação de fuga de seu eu e a forma corporal é remanejada de sua relação imaginária. Portanto, de acordo com nossa análise, utilizaremos o conceito de relação ao **corpo**, pois a única forma de relação de objeto é com um corpo marcado pela falta.

Conclusão

O eu construído pelo ideal determina uma exteriorização da sua essência interna. O Outro é quem criará um lugar do sujeito no mundo. Um espaço dentro de uma lógica fantasmática pela qual renunciamos ao agradar. Agradar como condição do ideal do eu condiz com uma precipitação de quem somos visando o que o outro quer que sejamos.

Se relacionar ao objeto consiste em buscar a totalidade de um corpo que nunca esteve no campo do todo, mas sim do não todo (Lacan, 1972-1973/1975, p. 74). O ideal do eu submete o sujeito à busca de uma relação ao objeto que preencha o vazio da angústia. A relação de objeto é indagada a partir do poema de Clarice Lispector como submissa à lógica do objeto como excesso pulsional.

Concluimos com o questionamento do problema posto por Clarice Lispector e por dois objetos *a* incluídos na lógica pulsional por Lacan: olhar e voz. É possível que o sentimento de mal-estar seguido da formulação da hipótese *Se eu fosse eu* seja proveniente de um silêncio ou de uma solidão inócua? Assim como ausência de olhar? Como a presença desses objetos na qualidade de objetos *a* consolidam a crença da lógica do fantasma? E de que forma a ausência desses dois objetos específicos possuem a capacidade de nos instigar e a realizar que nosso eu integra o Outro? Na maturação o sujeito percebe uma separação e conseqüentemente o desamparo e a condição de não-todo. Será que somente essa separação revela-se essencial para entendermos a origem da parcialidade do objeto?

Referências Bibliográficas

- Assoun, P-L. (2020). Seminário de Paul Laurent Assoun. *Espace Analytique*. Assistido em Paris, 03 de novembro 2020: inédito.
- Bourdin, D. (2014). Entre la phobie de penser et la culpabilité d'exister. *Revue française de psychanalyse*, 78(3), 740-750. doi-org.ezproxy.u-paris.fr/10.3917/rfp.783.0740
- Bouvet M, (1985). *Oeuvres psychanalytiques. 1. La relation d'objet, névrose obsessionnelle, dépersonnalisation*. Paris: Payot.
- Causse, J-D. (2018). L'identité et l'identification: des sœurs ennemies ?. *Psychanalyse YETU*», 1(1), 139-150. doi-org.ezproxy.u-paris.fr/10.3917/psy.041.0139

- Freud, S. (1988). Pulsion et destin des pulsions. (Trad.) *Édition Œuvres complètes de Sigmund Freud*, (Vol. XIII, pp, 163-187). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1991). Psychologie des masses et analyse du moi. (Trad.) *Édition Œuvres complètes de Sigmund Freud*, (Vol. XVI, pp. 5-83). Paris: PUF, (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1994a). Dostoïevski et la mise à mort du père. (Trad.) *Édition Œuvres complètes de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp 207-225). Paris: PUF (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1994b). Malaise dans la culture, (Trad.) *Édition Œuvres complètes de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 249-333). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1998). Totem et Tabu. (Trad.) *Édition Œuvres complètes de Sigmund Freud*, (Vol. XI, pp. 189-382). Paris: Puf (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2008). Analyse de la phobie d'un garçon de cinq ans (Trad.) In S. Freud. *Cinq Psychanalyses* (Vol. 1, pp. 145-282). Paris: PUF (Trabalho original publicado em 1908)
- Godoi, B. S., & Noé, S. V. (2018). A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito. *Reverso*, 40 (75), 73-81. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Grunberger, B., & Dessuant, P. (1999). *Narcissisme, christianisme, antisémitisme*. Paris: Actes Sud
- Grunberger, B, & Chasseguet-Smirgel. (2004). *L'univers contestationnaire*. Paris: In press
- Lacan, J. (1961). *Le séminaire, livre IX : l'identification*. Inédito, lição do 15 novembro 1961.
- Lacan, J. (1966a). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In J. Lacan. *Écrits*. (pp. 93-100). Paris: Seuil (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1966b). Remarques sur le rapport de Daniel Lagache. In J. Lacan. *Écrits*. (pp. 647-684). Paris: Seuil (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire, livre XX: Encore*. Paris: Seuil (Transcrição original em 1972-1973)
- Lacan, J. (1994). *Le Séminaire, livre IV: La relation d'objet*. Paris: Seuil (Transcrição original em 1956-1957)
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre X: L'angoisse*. Paris: Seuil (Transcrição original em 1962-1963)
- Lacan, J, (2006). *Le séminaire, livre XVI : D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil (Transcrição original em 1968-1969)
- Lacan, J, (2007), *Le Séminaire, livre XVIII: D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil (Transcrição original em 1971)
- Projeto Toda Poesia (2014, outubro 14). Débora Wainstock, "Se Eu Fosse Eu. Clarice Lispector". [Arquivo de vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ht9VcJcI20Q>
- Nancy, J-L. (1993). *Le sens du monde*. Paris: Galilée.
- Nunberg, H. (1957). *Principes de psychanalyse: leur application aux névroses*. Paris: PUF
- Mijolla, A de.(2017). *L'identification selon Freud*. Paris: Édition in Press.
- Saussure, F de.(1974). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot

- Winnicott, D. (1960). The Theory of the parent-Infant Relationship. *International Journal Psycho-Anal*, 41: pp. 585-595
- Winnicott, D. (1974). Fear of breakdown. *International Review of Psycho-Analysis*, 1(1-2), 103–107.
- Winnicott, D. (2012). De la communication et de la non communication, in Winnicott, D. *Capacité d'être seul*. (pp. 67-108). Paris: Payot (Trabalho original publicado em 1963)
- Vanier, A. (2000). *Temps et objet. Orientations de recherches psychopathologiques et psychanalytiques dans la clinique des enfants et le traitement des psychoses*. Apresentação de defesa apresentado por Alain Vanier para obtenção do HDR (Habilitação para dirigir pesquisas). inédito.
- Vanier C & Vanier A. (2010). *Winnicott avec Lacan*. Paris: Hermann.

Citação/Citation: Serbena, L. (nov. 2020 a abr. 2021). "Se eu fosse eu"... Traços da relação de objeto e da problemática da identidade no poema de Clarice Lispector. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(31), 93-105. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2021v16n31p93-105

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2020 / 03/10/2020.

Aceito/Accepted: 10/28/2020 / 28/10/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.